

Crise brasileira é manchete da 'The Economist'

Revista inglesa aborda problemas do País em texto intitulado 'Nuvens negras vindas do Brasil'

RITA TAVARES

Nuvens negras vindas do Brasil. Essa é a manchete da edição desta semana da revista inglesa *The Economist*, com data do próximo dia 16, que mostra os efeitos das mudanças na política cambial nos mercados doméstico e internacional. No ano passado, o presidente Fernando Henrique Cardoso também foi capa da revista. *The Economist* é inconclusiva sobre o futuro da crise.

“Brasil despencando” ocupa a abertura da seção de *Finanças*

e *Economia* da revista. Já na segunda semana de 1999, os mercados internacionais foram surpreendidos por más notícias brasileiras: a moratória de Minas Gerais, a saída de Gustavo Franco do Banco Central e a mudança no sistema cambial, que resultou numa desvalorização de 9% do real, embora o governo e o Fundo Monetário Internacional (FMI) tenham discutido longamente sobre a manutenção do sistema de bandas, que levava à desvalorização gradual.

Apesar da reação inicial do mercado, com a queda abrupta e acentuada da bolsa de valores, *The Economist* ponderou que o pânico não durou muito tempo. Embora alguns funcionários do FMI tenham dito que o Brasil seria “Rússia, segundo tempo”, os

mercados pensaram de outro jeito. A resposta inicial foi bem diferente daquela dada após o anúncio da moratória russa, em agosto. O pânico não se repetiu.

The Economist faz a seguinte pergunta: os investidores verão a crise brasileira como mais uma oportunidade de compra? E responde: provavelmente não. Mas pondera, em seguida: embora os problemas brasileiros possam ser

o catalisador para uma queda dos mercados, não serão a causa de uma derrocada do mercado financeiro global.

Apesar da repercussão desta

semana do drama brasileiro ter sido controlada, *The Economist* ponderou que há muitos motivos para preocupações com os mercados financeiros e a economia mundial. Cita os problemas

no Japão, nos países asiáticos e na Rússia. Mais do que tudo, há ainda a sobrevalorização em Wall Street. Um operador da Bolsa de Nova York comentou a atual crise citando a do ano passado, di-

PÂNICO COMO
O PROVOCADO
PELA RÚSSIA NÃO
SE REPETIU

zendo que “ninguém se machuca no final”. A revista, porém, alega que talvez, neste ano, o script da história tenha sido mudado. (AE)